

Pedagogias das masculinidades e os discursos da “machosfera” no *TikTok*¹

Victória Nobica Marques do Nascimento²

Constantina Xavier Filha³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – PPGEdu/FAED

RESUMO

Este trabalho apresenta pesquisa de doutorado em andamento que tem como objeto os discursos de masculinidades produzidos por influenciadores da "machosfera" no *TikTok* e os modos como esses discursos participam na constituição das subjetividades de meninos em uma escola pública. Tem como objetivo investigar os discursos e pedagogias das masculinidades produzidas na “machosfera” brasileira no *TikTok*. A fundamentação teórica baseia-se nos Estudos Culturais, de Gênero e Sexualidades, e nos pressupostos foucaultianos, em uma perspectiva de pesquisa pós-estruturalista. Metodologicamente, a pesquisa combina netnografia e rodas de conversa com alunos dos 4º e 5º anos do EF.

Palavras-chave: Masculinidades; Machosfera; *TikTok*; Gênero.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de pesquisa mais ampla de doutorado que busca aprofundamento e sequência aos estudos iniciados no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX). A nossa pesquisa pretende investigar os discursos e pedagogias das masculinidades produzidas na “machosfera” brasileira no *TikTok* e quais subjetividades e resistências são produzidas em meninos a partir destas pedagogias e discursos. O tema da pesquisa é: pedagogias das masculinidades online e o objeto são: os discursos de masculinidade produzidos por influenciadores da "machosfera" no *TikTok* e os modos como esses discursos participam na constituição das subjetividades de meninos em uma escola pública na cidade de Campo Grande, MS. Buscamos com esse trabalho apresentar nossas primeiras

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT01CO - Cibercultura e Direitos Humanos, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação PPGEdu da FAED - UFMS, email: victorianobicadonascimento@gmail.com.

³ Professora no Programa de Pós-graduação em Educação PPGEdu da FAED - UFMS, email: constantina.xavier@ufms.br.

discussões sobre o tema e objeto de pesquisa, uma vez que nossa pesquisa ainda se encontra em fase inicial.

Segundo Gracila Vilaça (2023), “machosfera” é o espaço virtual multiplataformas construído e ocupado por masculinistas, homens que lutam pelos direitos masculinos, em oposição a luta feminista, e que entendem os dois movimentos como equivalentes. Ainda segundo a autora, a “machosfera” é “[...] largamente conectada por técnicas de assédio e de violência que encontrou na extrema direita um caminho para a radicalização.” (VILAÇA, 2023).

O termo “machosfera” surge entre os próprios participantes das comunidades masculinistas online para designar o espaço ocupado por eles na internet. Esse espaço virtual é ocupado por diferentes grupos: Incel, Redpill, MGTOW, Movimentos pelos direitos dos homens, entre outros. Tais grupos têm como interesse e práticas comuns, pelos mais variados motivos, o ódio sistematizado às mulheres e, em maior ou menor grau, a outros grupos minoritários.

No âmbito da educação, os Estudos Culturais preocupam-se em pensar a educação que ocorre dentro da instituição escolar e também a que acontece fora dela, inclusive nos ambientes virtuais característicos de nosso tempo, sob essa perspectiva, entende-se neste trabalho que a educação é um “conjunto de processos pelos quais indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura” (MEYER, 2012, p. 50 apud SEVILLA, 2015, p. 2), compreendemos que fazem parte desses processos também as pedagogias culturais, que, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 89) são “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido — em conexão com relações de poder — no processo de transmissão de atitudes e valores [...]”, são instrumentos das pedagogias culturais o cinema, as revistas, os museus, a televisão e a internet.

Segundo Silva (1999), as pedagogias culturais:

[...] se apresentam, ao contrário do currículo acadêmico e escolar, de uma forma sedutora e irresistível. Elas apelam para a emoção e a fantasia, para o sonho e a imaginação: elas mobilizam uma economia afetiva que é tanto mais eficaz quanto mais é inconsciente. É precisamente a força desse investimento das pedagogias culturais no afeto e na emoção que tornam seu “currículo” um tão fascinante de análise [...] (p. 140).

O autor argumenta que o currículo das pedagogias culturais opera de maneira diferente ao currículo escolar, mobilizando afetos do indivíduo, estando justamente nessa diferença a sua eficácia. Nesse sentido, compreender como discursos produzidos na “machosfera” mobilizam afetos e representações em plataformas digitais é essencial para analisar como participam nos processos de subjetivação de meninos em contextos educacionais e sociais. Além disso, é fundamental investigar as conexões entre os discursos criados no ambiente virtual e aqueles produzidos por meninos fora desse ambiente, nas interações presenciais. Essa análise permite compreender de que maneira as pedagogias culturais da “machosfera” são ressignificadas, apropriadas ou mesmo resistidas pelos sujeitos no contexto escolar e em suas interações cotidianas, contribuindo para o entendimento das dinâmicas entre cultura digital e práticas sociais.

Busca-se investigar tal conexão utilizando a plataforma de vídeos curtos *Tiktok* como ponto de partida pois ela é considerada pioneira no formato de vídeos curtos verticais, tendo esse formato sido copiado por outras plataformas⁴. A escolha pelo *Tiktok* também se deu pelo fato de que, muitas vezes, mesmo os/as criadores/as de conteúdo publicando nas diversas plataformas de vídeos curtos atuais, o conteúdo é originalmente postado no *Tiktok* e republicado nas outras redes⁵.

Segundo o relatório anual TIC Kids online⁶, realizado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) em 2024, o *Tiktok* foi a plataforma mais utilizada por crianças entre 9 e 14 anos, mesmo que de acordo com o item 4.3 dos termos de uso da plataforma:

O utilizador só pode utilizar a Plataforma se tiver 13 anos de idade ou mais. Monitorizamos a utilização por parte de menores e encerraremos a sua conta se tivermos suspeitas razoáveis de que é menor ou que permite que um menor utilize a sua conta. Pode recorrer da nossa decisão de encerrar a sua conta se achar que cometemos um erro sobre a sua idade.

Resumidamente: O utilizador tem de ter 13 anos ou mais para utilizar a nossa Plataforma. (TIKTOK, 2024).

⁴Disponível em: <<https://www.socialinsider.io/blog/tiktok-vs-reels-vs-shorts/>>. Acesso em 18 de janeiro de 2025.

⁵Disponível em:

<<https://www.theverge.com/2021/2/9/22274332/instagram-algorithm-tiktok-watermark-recommendation-software-best-practices>>. Acesso em 18 de janeiro de 2025.

⁶Disponível

em:

<https://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2024_principais_resultados.pdf>. Acesso em 18 de janeiro de 2025.

De acordo com os termos de serviço da plataforma, para criar uma conta no *Tiktok* ou utilizar o aplicativo como visitante, sem criar ou estar logado/a⁷ em uma conta, o/a usuário/a necessita ter no mínimo 13 anos de idade, sob pena de ter sua conta suspensa caso haja suspeita de que essa regra não foi respeitada. Surge a dúvida, então, de como seria possível que a plataforma seja a mais acessada entre crianças a partir de nove anos de idade. É possível pensar que a plataforma não monitora a atividade de crianças menores de 13 anos como afirma em seus termos de serviço, e que essas crianças podem utilizar a plataforma de forma livre. Caso seja menino, é bastante provável que esse usuário com menos de 13 anos receba recomendações de conteúdo masculinista.

Um estudo do Centro Antibullying da Universidade da Cidade de Dublin⁸ apontou que contas identificadas como de meninos no *Tiktok* recebem sugestões de vídeos com conteúdos misóginos e masculinistas em no máximo 23 minutos de uso e, após interação do usuário com esse conteúdo, 76% do conteúdo recomendado passa a ser pertencente a “machosfera” contendo discursos misóginos, teorias da conspiração da direita alternativa e transfóbicos, entre outras categorias tóxicas, como são referidas no estudo.

Frente a tais dados, urge a necessidade de investigar tais conteúdos e entender quais afetos são mobilizados por meninos ao consumir os conteúdos produzidos na “machosfera” e quais as implicações desse consumo fora da internet, nas interações com outros meninos e com as meninas, que masculinidades são produzidas por esses meninos na interação com tais conteúdos, seja ‘assimilando’ ou resistindo aos discursos produzidos pelos criadores de conteúdo masculinistas, sendo essa a intenção da pesquisa a ser desenvolvida.

METODOLOGIA

A pesquisa a ser desenvolvida se baseia nas metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Esse caminho foi escolhido por haver nele a possibilidade da

⁷ “Logar” é um termo próprio da internet que tem origem no verbo em inglês “to log”, que significa acessar mediante usuário e senha um espaço virtual, em português o verbo é utilizado com o mesmo significado.

⁸Disponível em:

<<https://www.dcu.ie/humanities-and-social-sciences/news/2024/apr/new-research-shows-how-tiktok-and-youtube-shorts-are>>. Acesso em 20 de janeiro de 2025.

“[...] alegria de ziguezaguear. Movimentamo-nos ziguezagueando no espaço entre nossos objetos de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí estranhar, questionar, desconfiar” (MAYER; PARAÍSO, 2012, p. 17). Esse caminho metodológico foi escolhido por possibilitar oportunidades de questionamento sobre o objeto de pesquisa, tema e nossas verdades. Seguindo os pressupostos da pesquisa pós-crítica, com a pesquisa a ser desenvolvida objetiva-se formular novas questões e problemas para descrever e analisar o objeto, produzindo assim novas informações sobre ele.

Sendo uma pesquisa que visa analisar os discursos produzidos no ambiente virtual da “machosfera”, convém utilizar ferramentas e metodologias de pesquisas pensadas para que seja possível ziguezaguear, como proposto pelas autoras citadas, pelo elemento do objeto de pesquisa que está circunscrito na cibercultura — os discursos de masculinidade produzidos por influenciadores da “machosfera” no *TikTok* — e pelo elemento offline — os modos como esses discursos participam na constituição das subjetividades de meninos em uma escola pública. Para tal tarefa a pesquisa se vale da netnografia e de rodas de conversas com meninos dos 4º e 5º anos de uma escola pública de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Sob a luz das ferramentas metodológicas selecionadas, a pesquisa pretende entrar no campo da “machosfera” na plataforma de vídeos curtos *TikTok*, selecionando para a análise netnográfica os vídeos de maiores números de visualizações dos criadores de conteúdo com maiores números de seguidores da citada comunidade virtual. Concomitantemente, serão produzidas fichas de análise para um aprofundamento nos discursos e pedagogias das masculinidades produzidas nos vídeos selecionados por meio de agrupamentos traçados a partir da coleta de informações no campo. Os agrupamentos delimitados serão, então, analisados e problematizados a partir do referencial teórico adotado na pesquisa: Estudos Culturais, Estudos de Gênero e Sexualidades e dos pressupostos foucaultianos.

Serão realizadas, então, rodas de conversas com meninos alunos dos 4º e 5º anos de uma escola municipal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A pesquisa se deterá sobre esse público pois os conteúdos produzidos na “machosfera” têm como público alvo indivíduos que se identificam (ou são identificados) com o gênero masculino. O critério de seleção para os 4º e 5º anos se justifica com base na idade dos usuários da

plataforma *Tiktok*, sendo essa a rede mais acessada por crianças de 9 e 10 anos, como salientado, coincidindo com a idade das crianças dessas turmas.

As rodas de conversa serão mediadas pela pesquisadora e terão como tema gerador vídeos coletados no campo netnográfico, nestas conversas entenderemos as crianças em “posição de protagonismo frente ao desenvolvimento de seus sentimentos, percepções, considerando sua voz de criança” (RIBEIRO, KRÜGER-FERNANDES E BORGES, p. 86, 2020). Nesse sentido, a pesquisa procurará entender quais são os discursos sobre masculinidades produzidos pelas crianças participantes da pesquisa e como esses se coadunam ou não com os discursos propalados na rede social.

Entendendo, de acordo com Foucault (2008), que discursos formam saberes, procurar-se-á entender na pesquisa, nesta etapa de rodas de conversas, quais são os saberes produzidos sobre masculinidades entre as crianças. As rodas de conversas serão videogravadas e posteriormente transcritas. Serão analisadas as falas das crianças e buscados os pontos de encontro e de afastamento entre os discursos produzidos e veiculados na “machosfera” e os discursos produzidos pelas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa parte da inquietação com o crescimento de conteúdos e influenciadores masculinistas nas redes sociais e seus possíveis efeitos sobre meninos em idade escolar. Ao propor uma investigação situada nos cruzamentos entre o campo digital e o cotidiano escolar, busca-se problematizar como discursos que reforçam normas de masculinidade hegemônica têm sido (re)produzidos, performados e, por vezes, naturalizados por crianças.

A articulação entre a análise netnográfica do TikTok e as rodas de conversa com alunos dos 4º e 5º ano pretende construir um campo de escuta sensível, atenta às formas como esses sujeitos se relacionam com as narrativas da “machosfera”. Ao considerar a internet como artefato cultural e espaço de disputa de sentidos, a pesquisa pretende não apenas mapear os discursos em circulação, mas também compreender como eles atravessam e são ressignificados pelas experiências infantis no contexto da escola pública.

Ao final, este estudo almeja contribuir para os debates contemporâneos sobre masculinidades, infâncias e cultura digital, abrindo brechas para pensar práticas

pedagógicas comprometidas com a equidade de gênero e com a produção de outras possibilidades de ser menino, menos pautadas pela lógica da dominação e mais abertas à diversidade, ao cuidado e à convivência ética com os/as outros/as.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 17-24.

RIBEIRO, Lady Daiane Martins; KRÜGER-FERNANDES, Larissa; BORGES, Fabrícia Teixeira. **Roda de conversa mediada por leitura dialógica com crianças: Uma proposta metodológica de pesquisa qualitativa sobre processos argumentativos**. New Trends in Qualitative Research, 2020, 2: 83-95.

SEVILLA, Gabriela Garcia. **Pedagogias de gênero e sexualidade em artefatos culturais: reflexões sobre uma experimentação**. In: Reunião da Anped, 4., 2015. Disponível em:
<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-4463.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A pedagogia como cultura, a cultura como pedagogia. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 139-142.

TIKTOK. Termos de uso e serviço do Tiktok. 2024. Disponível em:
<https://www.tiktok.com/legal/page/eea/terms-of-service/pt-BR>. Acesso em: 21 de janeiro de 2025.

VILAÇA, Gracila. Coach de assédio? A rede masculinista que abraça Thiago Schutz. **Nexo Jornal**, 4 mar. 2023. Sociedade. Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2023/03/04/coach-de-assedio-a-rede-masculinista-que-abraca-thiago-schutz>. Acesso em: 19 de janeiro de 2025.